

II WORKSHOP INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO AMBIENTE: Desastres Ambientais e
Sustentabilidade & GISDAY 2011
Novembro de 2011
Florianópolis - SC - Brasil

ONDE O RURAL E O URBANO SE MISTURAM... SOB A LENTA SUBIDA DAS ÁGUAS DO RIO:
DINÂMICAS DA EVOLUÇÃO AMBIENTAL E GESTÃO DE RISCO NAS COMUNIDADES
BARRANCA E BAIXADINHA, ARARANGUÁ/SC.

Carina Dal Pai (Universidade do Estado de Santa Catarina) - caricdp@yahoo.com.br
Economista e aluna do Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócioambiental

Paula da Silva Ramos (Universidade do Estado de Santa Catarina) - paulas_ramos@hotmail.com
Aluna de graduação do Curso de Geografia

Marina Coelho Rosa e Silva (Universidade do Estado de Santa Catarina) - marinacrs@gmail.com
Aluna de graduação do Curso de Geografia

Mario Jorge Cardoso Coelho Freitas (Universidade do Estado de Santa Catarina) - pmariofreitas@gmail.com
Biólogo, Professor visitante do Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina

Onde o rural e o urbano se misturam... sob a lenta subida das águas do rio: dinâmicas da evolução ambiental e gestão de risco nas comunidades Barranca e Baixadinha, Araranguá/SC

Este estudo apresenta-se resultados parciais de uma pesquisa conducente à elaboração de uma dissertação de Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A pesquisa está sendo desenvolvida no município de Araranguá, litoral Sul Catarinense, no âmbito de um projeto de pesquisa do Núcleo de Estudos Ambientais (NEA), financiado pela Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) nomeadamente “Promoção de competências para ação na prevenção e atendimento de desastres naturais: estratégias educativas e de participação pública”. Este projeto tem por objetivo principal promover a aprendizagem e ação participativa, pessoal e comunitária, na prevenção e enfrentamento de desastres naturais.

O estudo a que este texto alude abrange as comunidades Barranca e Baixadinha, respectivamente situadas na margem esquerda e direita do rio Araranguá. O município situa-se inteiramente na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá (BRA) que abrange mais 12 municípios e parte do território de mais seis. A geomorfologia desta bacia é definida pelas encostas da Serra Geral e uma ampla planície costeira quaternária. Araranguá está inserida sobre a planície costeira, às margens do rio principal de mesmo nome. Por estar localizada no litoral catarinense, esta bacia recebe influência direta da umidade vinda do Oceano Atlântico, que provoca a chuva orográfica nas encostas da Serra Geral. De acordo com Mendonça (2007:71) as referidas encosta atuam como uma barreira que forçam o ar quente e úmido a ascender; ao ascender ele resfria, o que conduz a saturação do vapor, formação de nuvens estratiformes e cumuliformes que acarretam a formação de chuva

Inserindo-se numa região de clima Subtropical Úmido, o município de Araranguá apresenta a menor média anual de precipitação do Estado. Mesmo assim, quando se registra elevado nível pluviométrico nas encostas da Serra Geral, a chuva orográfica pode desencadear rápidos aumentos do nível das águas que, atingindo a planície com grande expressividade, provocam inundações que, se muito intensas, acabam gerando graves impactos sociais e ambientais.

A BRA está entre as quatro bacias mais poluídas no Brasil, impactada pela extração do carvão, pela rizicultura com o uso de agrotóxicos e pela poluição por efluentes urbanos e industriais. São significativos os impactos sobre os recursos hídricos, os solos e a própria qualidade do ar. Num tal contexto, potencia-se a ocupação desordenada das terras agricultáveis para a cultura de arroz. E se a exploração do carvão diminui bastante, a produção de arroz parece inserir-se numa opção de desenvolvimento local, por vezes ameaçada pela baixa do preço daquele cereal, no contexto da liberalização do comércio mundial. A produção de arroz dos municípios que se inserem totalmente na bacia registrou 317.253 toneladas, em 2004, e 367.340 toneladas em 2009, acrescentando 50.087 toneladas no período. A área plantada que era de 49.339 hectares (2004) foi para 50.436 (2009), aumentando em 1.097 hectares. Tal aumento dos campos de arroz, associado aos reflorestamentos com espécies exóticas em propriedades privadas de Meleiro, Forquilha e Içara e, ainda, a expansão

urbana de Criciúma ajudam a explicar a diminuição da superfície com floresta nativa: em 1980 cobria 151.245 hectares, ou 50%, passando para 131.868 hectares em 2000, isto é, 44% das terras da bacia. A agropecuária compreende 50% do uso atual da superfície da BRA, sendo que 31% da área é utilizada para cultivos e 19% para pastagens (SCHEIBE, 2010:41).

O objetivo principal deste texto é reconstruir, a partir da história oral e de documentos o passado de transformação do espaço e do ambiente, de que forma as pessoas tem se relacionado com as enchentes e suas dinâmicas históricas.

O enquadramento teórico utilizado é o da história ambiental e o da percepção socioambiental. Seguiremos Martinez (2006, p.48) que afirma que a “História Ambiental no Brasil brota no seio de uma disciplina já bastante consolidada, a História, mas, sobretudo da História Econômica e do pensamento social dos chamados “intérpretes do Brasil”. Encontra-se sólido amparo, ainda, na Geografia Histórica, na História Regional, nos estudos de etnologia e nas análises empreendidas pelo Materialismo Histórico sobre as estruturas econômicas e sociais brasileiras”. A história ambiental desenvolveu-se a partir de 1970, subsidiando uma leitura dinâmica da interação homem-natureza. Pádua (2010:91) discute sobre a presença da história humana na constituição de paisagens “naturais”, no sentido de que a história ambiental permite descrever a paisagem de hoje como resultado de um processo interativo homem-natureza, contribuindo para a reflexão sobre que o homem também é parte do ambiente.

Para apreender as percepções sobre o lugar, isto é, a história das enchentes contada sob a perspectiva dos moradores, segue-se a ideia de Tuan (1983) sobre as formas pelas quais as pessoas podem sentir, pensar e descrever o seu ambiente. Para o autor, “lugar é segurança e espaço é liberdade”. A pesquisa identificou forte sentimento sobre o lugar, mas também sobre a proximidade como um fator relevante de permanência, o que nos permite aferir sobre que as condicionantes socioeconômicas são as que mais pesam sobre essa opção.

Em termos metodológicos, a pesquisa constitui-se como um estudo de caso. Assume, assim, um caráter qualitativo, compreendendo a aplicação de entrevistas, questionários, realização de oficinas, cartografia comunitária e história oral. Esses instrumentos permitem apreender a percepção dos moradores frente às mudanças ocorridas em suas comunidades e na região, enfocando na ocorrência de enchentes e ventos fortes. Também serão analisados os Formulários de Avaliação de Danos (AVADANS) disponibilizados pela Defesa Civil.

A sistematização e análise de dados sobre a percepção socioambiental nos permite construir a história interpretada sob a perspectiva das comunidades. As enchentes são constituintes da própria história à medida que provocaram a queda de atividades, direcionando a reorganização social e econômica e gerando necessidades infra-estruturais. Ocasionalmente o fim da vizinha comunidade Volta do Silveira, que registrava aproximadamente 60 famílias em 1970, permanecendo hoje apenas duas. Alguns afirmam que após a construção da BR 101, a dinâmica das enchentes mudou na comunidade Barranca. Na Baixadinha, a construção de uma vala de escoamento pluvial intensificou a ocorrência dos alagamentos, antes não observados.

As pessoas compreendem que há reflexo das atividades econômicas regionais sobre suas comunidades. Entre outros aspectos, destacam a escassez de peixes ocasionada pela

poluição acumulada e a impermeabilização dos solos resultantes da pela rizicultura. A atividade de cultivo do arroz se aproximou das moradias gerando preocupação sobre o risco de danos a saúde e, paralelamente, potencializando a inundação quando da ocorrência de cheias. Há também um entendimento de que as enchentes são ocasionadas pelas chuvas no “costão” (encostas da Serra Geral), e não diretamente das chuvas locais, menos abundantes, e por isso estão sempre atentos na previsão do tempo naqueles municípios.

Apreendeu-se também a expectativa positiva sobre a obra de fixação da barra do rio Araranguá, que para os moradores, evitará as inundações e é visto como condicionante para o desenvolvimento ao comparar com outras obras que foram realizadas no Estado, que contribuiu para valorização dos imóveis e incentivou a instalação de empresas. Não parece, contudo, terem sido devidamente equacionados todos os impactos, nomeadamente, a possibilidade de novos furacões poderem vir a ter uma ação fortemente potencializada pela fixação da barra – proteção natural constantemente adaptada pelo rio.

As comunidades naturalizaram em suas vivências relacionadas com a dinâmica do rio, adaptaram-se, assumiram o risco e enfrentam historicamente as cheias, sem perda de vidas humanas. Contudo, mostram-se apreensivos quanto aos ventos fortes, pois o Furacão Catarina enquanto evento inesperado, nunca antes vivenciado, revelou a vulnerabilidade das mesmas. Possuem capacidade de resiliência, paralelamente necessitando de condições para enfrentar as enchentes e a possibilidade de ocorrência de eventos extremos ocasionados por ventos fortes. Projetam o futuro a partir de adequações infraestruturais, como a construção de um segundo piso em suas casas, a adequação de abrigos e do saneamento básico, e a fixação da barra, bem como do envolvimento de todos.

Tudo isto se reflete e conflui para o plano participativo de gestão de risco que está sendo construído com as comunidades, visando prevenir novos eventos, diminuir a susceptibilidade ao risco e contribuindo para a melhoria de qualidade de vida local concluído e que (com a colaboração da Prefeitura e da Defesa Civil) deverá orientar o planejamento futuro.

Referências bibliográficas

MARTINEZ, Paulo Henrique. História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006. - (Coleção questões na nossa época, v. 130.)

MENDONÇA, Francisco. Climatologia: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. Estud. av. vol.24 n. 68 São Paulo, 2010.

TUAN, Yi-Fu. Espaço & lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

SCHEIBE, Luiz Fernando. Atlas da Bacia do Rio Araranguá: Santa Catarina – Brasil. Coordenador geral Luiz Fernando Scheibe; organizadores Luiz Fernando Scheibe, Maria Dolores Buss, Sandra Maria de Arruda Furtado. Florianópolis: UFSC/Cidade Futura 2010.